

O uso do rádio na comunicação popular

entrevista com Luiz Fernando Santoro

Susana Berbert

Mestranda em Comunicação pela USP.
Graduação em Jornalismo pela USP.
E-mail: susanaberbert@gmail.com

Recebido: 29 set. 2017

Aprovado: 30 nov. 2017

Resumo: Nesta entrevista, o professor e pesquisador da Universidade de São Paulo, Luiz Fernando Santoro, faz uma exposição do papel do rádio nos movimentos populares, recuperando temas como o planejamento das emissoras e o surgimento das rádios livres. Santoro discute a importância do acesso aos meios de comunicação de massa para construção de uma sociedade mais democrática.

Palavras-chave: Comunicação Popular. Luiz Fernando Santoro. Rádios Livres.

Abstract: In this interview, the professor of the University of São Paulo, Luiz Fernando Santoro, gives an exposition of the role of radio in popular movements, recovering topics such as the emergence of free radios. Santoro discusses the importance of access to the mass media to promote a more democratic society.

Key-words: Popular Communication, Free radios, Luiz Fernando Santoro.

Resumen: En la entrevista, el profesor e investigador de la Universidad de São Paulo, Luiz Fernando Santoro, hace una exposición del papel del radio en los movimientos populares, recuperando temas como la planificación de las emisoras y el surgimiento de las radios libres. Santoro discute la importancia del acceso a los medios de comunicación masiva para la construcción de una sociedad más democrática.

Palabras clave: Comunicación Popular. Luiz Fernando Santoro. Radios Libres.

Introdução

O rádio é uma ferramenta que ganhou espaço e expressividade nas formas populares e alternativas de comunicação, tornando-se historicamente um componente de luta pela representatividade social e pela democratização da mídia sonora. O rádio tem sido uma ferramenta comunicacional utilizada pelas camadas populares em busca de representatividade. Por suas características acessíveis, essa foi a mídia escolhida nas expressões pioneiras de comunicação popular na América Latina. É importante investigar a expressividade do meio, entendendo como ele influenciou revoluções sociais e, até mesmo, culturais no passado. E como, ainda, o rádio opera nos dias de hoje.

Na América Latina, o rádio foi identificado como importante canal para a realização de iniciativas pioneiras de Comunicação Popular, como o caso da Rádio Sustaneza, na Colômbia, e das Rádios Mineiras bolivianas, na Bolívia. Como expressam os pesquisadores Luis Ramiro Beltrán e Jaime Reyes (1993, p. 01 – nossa tradução) “O rádio começou a ser usado então em dois países da região, para aliviar as necessidades dos estratos mais baixos da sociedade, os campesinos e obreiros.”

Em 1968, as rádios livres floresceram e ganharam força mundialmente, especialmente na Europa, em um contexto de contestação e grande mudança social. Foi exatamente nessa época, nos anos setenta, que o professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), Luiz Fernando Santoro, viajou para França a fim de realizar seu Mestrado em Artes Contemporâneas na Universidade Aix-Marselha e teve contato com as rádios livres que lá existiam. Quando voltou ao Brasil, no início da década de 80, publicou o artigo “Rádios livres: o uso popular da tecnologia”, na Revista *Comunicação e Sociedade*, em que discute a utilização desse meio de comunicação pelas camadas populares.

A origem das rádios livres estaria, talvez, em 1968, em maio mais precisamente, quando a Europa parece ter tomado maciçamente consciência do papel fundamental dos aparelhos de informação no condicionamento ideológico (SANTORO, 1981, p. 99).

No artigo, Santoro apresenta o papel subversivo e com fins políticos que o rádio pode ter para determinados grupos, junto ao papel de um contestador da representatividade das grandes mídias, visibilizando grupos, culturas e até expressões musicais sem espaço nos veículos hegemônicos. Discutindo a participação e o acesso às ferramentas de comunicação, o professor fomenta questionamentos sobre a função social desempenhada pelos meios para a luta por uma sociedade democrática. Citando Claude Collin, mostra as diferentes funções que o rádio pode ter.

Como diz Claude Collin, a palavra rádio designa, a rigor, uma tecnologia, mas não um modo de comunicação. Este varia de acordo com a situação na qual o rádio se insere, fazendo assim com que o médium rádio possa ter papéis diferentes, e até opostos, segundo determinantes políticos, econômicos e sociais. Enfim, um instrumento que deve ser pensado não enquanto tecnologia, mas como uma opção a mais nas diversas frentes de luta por uma sociedade democrática (SANTORO, 1981, p. 103)

Após o Mestrado na França, Santoro realizou o Doutorado em Ciências da Comunicação na Universidade de São Paulo, além de trabalhar em diversas universidades e meios de comunicação. Atualmente, ministra disciplinas no Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA-USP voltadas ao rádio e à televisão, temas de destaque em suas pesquisas e publicações.

A entrevista com o professor Luiz Fernando Santoro aborda o papel do rádio nos movimentos populares, com seus conteúdos organizados nas perguntas abaixo. Elas abarcam questões como o início da utilização do meio para fins de comunicação popular, os conteúdos apresentados por essas rádios e as iniciativas na América Latina.

SUSANA BERBERT: *Quando o rádio começa a ser utilizado como meio de comunicação pelas camadas populares?*

LUIZ FERNANDO SANTORO: O uso do rádio dentro de movimentos sociais data do início do século XX. Logo que o rádio surge, também se pensa no uso alternativo do meio, fora do formato comercial e educacional para o qual foi pensado no início. Quando olhamos a história do rádio, sobretudo do rádio de resistência, alternativo, que não foi feito de uma maneira comercial, vemos que principalmente depois da Segunda

Guerra, onde o meio foi usado como instrumento de propaganda nazista, ele passa a ser usado dentro de movimentos de luta e libertação.

Um caso interessante que exemplifica isso é a guerra de libertação da Argélia, em 1954. O livro *Aqui, a Voz da Argélia*, do Frantz Fanon (1981), escreve a luta pela libertação do país, o papel das mulheres na resistência, e também o papel do rádio, que era o arauto da luta dos argelinos e o que os unia do ponto de vista da informação. Era utilizando o meio que eles combatiam o colonizador francês e se opunham à rádio utilizada pelos representantes do poder, que era a Rádio Argel.

Mas você tem situações similares em Cuba, por exemplo, na época da revolução em Sierra Maestra, onde a Rádio Rebelde também fazia a coordenação dos movimentos revolucionários. Em El Salvador, tivemos a rádio Venceremos. Na Polônia, o sindicato Solidariedade utilizou também uma emissora da rádio em suas lutas. Então o rádio foi um instrumento de luta em vários momentos e lugares na história, a serviço do povo.

S.B: *Podemos dizer que ele foi um meio indispensável para revoluções?*

L.F.S: Não devemos confundir e dizer que o rádio fez a revolução. Mas, foi um instrumento adicional, que em muito colaborou para que elas ocorressem.

S.B: *Por que o rádio tornou-se um meio tão expressivo?*

L.F.S: Quando a tecnologia radiofônica vai sendo simplificada, com equipamentos portáteis, mais pessoas podem pensar em fazer rádio. Rádio é assim: quem quiser, faz. Se abrir um microfone e começar a falar, você está fazendo rádio. Bem ou mal, está fazendo. As pessoas descobriram o rádio como instrumento para se fazer comunicação fora das grandes estruturas de mídia, de modo a permitir que suas ideias e maneiras de pensar pudessem chegar ao coletivo. Para que determinados elementos culturais, determinadas músicas, que não tinham espaço nos meios de comunicação tradicionais, pudessem chegar ao coletivo.

Existem experiências bem documentadas sobre isso, sobre o uso do rádio como instrumento de resistência cultural. Aqui no Brasil, e na América Latina, esse uso

ganhou forma nas chamadas rádios de resistência. Quem coordenou de certa forma todo esse pensamento foi, em grande parte, a Igreja Católica. A Igreja sempre estimulou essa questão. A Instituição Unida América Latina (UNDA-AL), nos anos setenta e oitenta, coordenava as emissoras de rádio cristãs que eram ligadas a movimentos sociais. Em 2001 a Unida fundiu-se à Organização Católica Internacional do Cinema e Audiovisual (OCIC) e foi criada a Associação Católica Mundial para a Comunicação (SIGNIS)

S.B: *Como é o conteúdo das rádios utilizadas na comunicação popular?*

L.F.S: Nessas rádios, chamadas comunitárias, são tratados temas, músicas e aspectos culturais muito específicos da realidade local. Esse conceito de rádio local, rádio comunitária – o nome varia dependendo do momento e da região – é algo que sempre teve um apelo muito forte para as pessoas, porque elas podiam se identificar melhor com essas emissoras e podiam participar de alguma forma em sua programação.

Temos o caso da Bolívia, onde as rádios mineiras atuavam dentro de uma comunidade. Elas trabalhavam dentro de uma comunidade feitas por essa comunidade. As rádios mineiras transmitiam informações sobre a realidade e as lutas locais, em determinadas cidades de pequeno porte, onde as grandes rádios comerciais, ou não chegavam, ou chegavam apenas com conteúdo comercial. Estudando isso, é importante saber que algumas instituições investiram muito para que essas ideias fossem difundidas.

Na América Latina temos a ALER (Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica). A ALER produziu uma série de seminários, textos, livros e manuais de como fazer rádio comunitário. E esse conceito conseguiu uma repercussão muito grande na Igreja Católica, como já mencionei, que estava preocupada com a comunicação comunitária. Discutia-se muito na Europa, e depois na América Latina, como fazer uma informação contra-hegemônica, contra os grandes meios de comunicação. Então, contra os grandes, surgem os pequenos meios de comunicação, de alcance limitado, como o vídeo e o rádio.

S.B: *Na América Latina, quem foram os grandes precursores do uso do rádio na comunicação popular?*

L.F.S: Na América Latina, as rádios mineiras bolivianas foram de fato as primeiras experiências em comunicação popular, datadas dos anos 1950. Foram as mais importantes e as mais representativas. O livro da Moema Viezzer, *Se me deixam falar* (1982), que tem o depoimento da Domitila Barrios de Chungara, uma líder do movimento mineiro, destaca o papel do rádio nesse contexto. No Brasil, não tivemos tantas experiências similares. Nos anos 60, tivemos algumas rádios no nordeste, rádios rurais, mas não foi um movimento tão expressivo quanto na Bolívia.

S.B: *Quando essas rádios de iniciativas populares aumentam no Brasil?*

L.F.S: Quando voltei da Europa nos anos oitenta, voltei muito impactado com essas rádios, porque enxerguei aí uma forma concreta para que grupos pudessem falar para o coletivo, que ideias restritas pudessem chegar a um grande número de pessoas, através de uma tecnologia barata, que “qualquer um” poderia fazer.

Na Europa, isso se popularizou com o surgimento das rádios livres, que aparecem com expressividade em 1968, mais precisamente em maio, com o movimento estudantil. Militantes transmitiam conteúdos por ondas, clandestinamente, e fizeram esse conceito de “rádios livres” se disseminar.

No Brasil, tivemos um *boom* de iniciativas de rádios independentes e rádios livres nos anos 80. Em São Paulo, tivemos inúmeras rádios irregulares ou clandestinas, e diria que 80% dessas rádios eram de igrejas. O que aconteceu aqui é que as rádios tinham um enfoque cultural e religioso e pouco enfoque político.

E é importante dizer isso, porque uma rádio livre não é necessariamente uma rádio que fala sobre política. Muitas delas foram concebidas em nome de uma liberdade de expressão, sobretudo cultural, e até musical.

S.B: *Em seu artigo, o senhor fala que o rádio tem que ser pensado como uma opção na luta por uma sociedade mais democrática. Em sua opinião, o rádio se consolidou como o grande meio de comunicação na busca por acesso e participação?*

L.F.S: O rádio foi, e potencialmente continua sendo, uma significativa opção para a disseminação de ideias, conceitos e produtos culturais, a um custo muito baixo e sem a necessidade de cursos e sofisticadas especializações técnicas para sua realização. Enfim, por todos esses aspectos, um meio de comunicação bem popular e democrático, em sua audição e em sua produção.

Referências

Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica (ALER). Disponível em: <www.aler.org> Acesso em: 26 out. 2017.

Associação Católica Mundial para a Comunicação (SIGNIS). Disponível em: <<http://www.signis.org.br>> Acesso em: 26 out. 2017

BELTRÁN, Luis Ramiro; REYES, Jaime. **Radio popular en Bolivia: la lucha de los obreros y campesinos para democratizar la comunicación**, 1993. Disponível em: <<http://bit.ly/2s21j5m>> Acesso em: 17 jul. 2017.

COLLIN, Claude. La radio est une bonne chose. **Revista L'Homme et la Société** 47, 48, 49 e 50, Paris, 1978.

FANON, Frantz. Aqui la voz de Argélia. **De las ondas rojas a las radios libres. Barcelona, Gu_s tavo Gili**, p. 72-96, 1981.

SANTORO, Luiz Fernando. Rádios livres: o uso popular da tecnologia. **Revista Comunicação e Sociedade**, n. 06, 1981.

VIEZZER, Moema. **Se me deixam falar**. São Paulo: Global, 1982.